



Gênero e religião: um olhar a partir de fiéis e ex-fiéis de igrejas pentecostais

Gender and religion: an outlook from faithful and ex-believers of
pentecostal churches

Alesca Prado de Oliveira¹

Alessandro Enoque²

Resumo: Este trabalho teve por objetivo principal compreender as representações de gênero de fiéis e ex-fiéis de igrejas pentecostais de uma cidade do Triângulo Mineiro. A partir de uma abordagem qualitativa, tendo como instrumento a aplicação de quinze entrevistas semiestruturadas, pôde-se constatar que a mulher é, normalmente, concebida como sendo acessória/auxiliar na perspectiva das instituições religiosas. Seu papel, frequentemente associado ao cuidado com o pastor, com a organização da igreja, bem como com o auxílio nas atividades pastorais, requer uma posição passiva, que não busca destaque, e é impedida de se expressar livremente.

Palavras-Chave: Gênero, Representações de gênero, Mulheres, Pentecostalismo.

Abstract: The main purpose of this article was to understand the gender representations of the faithful and ex-believers of pentecostal churches in a town in Triângulo Mineiro region. Based on a qualitative approach, the study was conducted with the application of fifteen semi-structured interviews from which it was possible to confirm that women are usually conceived as secondary/auxiliary from the perspective of the religious institutions researched. Their role, usually associated with caring for the pastor, church organization, and pastoral activities, requires a passive position that is not prominent and they are also prevented from expressing themselves freely.

Keywords: Gender, Gender representation, Women, Pentecostalism.

1. Introdução

É fato comumente aceito que o campo de estudos que relaciona as temáticas de gênero e religião vem ampliando-se, consideravelmente, ao longo dos últimos anos (Bandini 2005; Souza 2006; Marcos 2007; Buttelli 2008; Candiottto 2010; Jesus

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – MG.

² Doutor em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

2010; Velozo 2010; Reimer e Souza 2012; López 2013; Musskopf 2013; Lopes 2013; González Garcia 2014; Roese 2015; Souza 2015; Bandini 2015; Freire 2016; Alencar e Fajardo 2016; Gouvêa Neto 2015; Natividade 2017). Há que se destacar, no entanto, a existência de uma diversidade de abordagens que vão desde as representações de gênero nos meios de comunicação utilizados pelas instituições (Costa, 2014; Fonseca, 2013; Lopes, 2013; Machado, 1999; Teixeira, 2014), passando pelo desenvolvimento e a trajetória feminina nas religiões (Bandini, 2005; Machado; Figueiredo, 2002; Mafra, 2012; Souza, 2006), pelas temáticas de sexualidade (Busin, 2011; Cordovil, 2013; Fonseca, 2013), classe e raça (Alencar; Fajardo, 2016; Souza, 2015), bem como por estudos que tratam especificamente de epistemologias feministas e novas interpretações do fenômeno religioso (Candiotta, 2010; Freire, 2016; Gouvêa Neto, 2015; López, 2013).

Investigações que tenham como escopo principal a religião pentecostal são, também, bastante profusas (Alencar; Fajardo, 2016; Algranti, 2007; Bandini, 2015; Gouvêa Neto, 2016; Machado, 1999; Machado; Figueiredo, 2002; Souza, 2015). Cumpre ressaltar que dentro desta temática, podemos encontrar uma diversidade de artigos que tratam desde variações pentecostais, como as Igrejas Inclusivas (Natividade, 2017; Jesus, 2010) e neopentecostais (Bandini, 2015; Costa, 2014; Teixeira, 2014), além de trabalhos que examinaram as teologias e a religião de formas inespecíficas (Buttelli, 2008; Candiotta, 2010; Fonseca, 2013; Freire, 2015; Lopes, 2013; López, 2013; Marcos, 2007; Musskopf, 2013; Reimer; Souza, 2012; Souza, 2006; Souza, 2015; Velozo, 2010).

Trabalhos que têm como escopo principal as representações de gênero de fiéis e ex-fiéis de igrejas pentecostais são, no entanto, ainda incipientes. Partindo de uma abordagem essencialmente qualitativa, tendo como instrumento a aplicação de entrevistas semiestruturadas, este artigo tem por objetivo principal compreender as representações de gênero de fiéis e ex-fiéis de igrejas pentecostais de uma cidade do Triângulo Mineiro.

2. A construção do gênero

Nos estudos contemporâneos (Bandini, 2015; Freire, 2016), é clara a preocupação em se desvelar e contextualizar os papéis exercidos pelas mulheres. Seja na política, na vida pública ou no âmbito doméstico, pesquisadores e pesquisadoras

debruçam-se nas análises das atribuições do conjunto de traços e modos de comportamento feminino (Algranti, 2007; Machado, 1999; Velozo, 2010), a fim de constatar e revelar as continuidades e as rupturas com os moldes impostos socioculturalmente. O avanço dos estudos feministas e suas epistemologias têm criado condições para que estas investigações se desenvolvam de maneira a explicitar, no campo científico, as relações de gênero e as especificidades produzidas a partir delas.

A ciência acerca das relações de gênero está ligada à trajetória do movimento feminista, que pauta as condições da mulher em sociedade desde o movimento pelo sufrágio, que pleiteou o direito das mulheres de votar. A terminologia de gênero foi difundida amplamente nos estudos a partir de 1975, quando foi lançado o clássico *The traffic in women: notes on the political economy of sex*, de Gayle Rubin, que abordou o sistema sexo/gênero em sua discussão. Esta obra dá partida à discussão de gênero e foi escrita com um pensamento progressista e feminista, tornando as contribuições de Rubin (1975) expressivas na construção do conceito de gênero e na distinção entre gênero e sexo. A autora apresentou aspectos que conceberam os efeitos que geravam as estruturas de gênero na construção de identidades e relações e se refere ao marxismo como um movimento extremamente importante para a pauta feminista. Entretanto, entende que este em si não era capaz de compreender as diferenças de gênero e a opressão a que as mulheres estavam expostas. Ainda no diálogo com a teoria marxista, Rubin (1975) busca compreender como as relações se deram para que a mulher se tornasse um ser domesticado, tratando-se de um sistema social que as transforma em produto.

As pesquisas acerca da temática de gênero consideravam as culturas para se compreender as relações. Scott (1995) apontou que os estudos acerca de gênero como categoria tomaram maior proporção no século XX, o que para a autora foi mérito da preocupação de algumas pesquisadoras feministas. Nesse sentido ela apresenta sua contribuição para o uso do gênero como uma categoria de análise, a partir de sua concepção que se pode compreender as relações de gênero na construção da sociedade. Em sua análise, a autora insere a compreensão política e de poder na discussão acerca de mulheres e gênero.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino - feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para proteger o poder político, a

referência deve parecer certa e fixa; fora de toda construção binária e o processo social, tornam-se, ambos, partes do sentido do poder de ele mesmo; pôr em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema inteiro. (Scott, 1995: 18).

Gênero, para Scott (1995), era utilizado para denominar as relações entre os sexos, surgindo como um tema novo, que substituíra a categoria de mulheres. É, então, apresentada uma definição de gênero dividida em duas partes: uma o considera como elemento que constrói as relações sociais nas diferenças pelo sexo e a outra concebe gênero como forma de significação das relações de poder. Nas palavras da autora:

O gênero é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as(os) historiadoras(es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legítima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política (Scott, 1995: 17).

A autora também traz em sua obra as inconsistências das teorias que discutiam o gênero, que se referiam à teorização acerca da dominação masculina e deixara os efeitos desta na construção da identidade de lado. Nessa linha, a compreensão da autora sobre gênero vai além do seu conceito em si, ressaltando o que ele produz na sua representação e na construção identitária do que é masculino e feminino.

Como sugere Scott (1995), ao apontar o estado da arte nas pesquisas de gênero, estas investigações devem ultrapassar o domínio público e garantir que sejam feitas análises das representações do feminino em todas as esferas sociais. A autora considera gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, ressaltando ainda sua importância na significação das relações de poder. Assim como Scott (1990), Bandini (2005) compreende que as mudanças ocorridas socialmente derivam-se, primeiramente, das alterações nas estruturas de poder. Assim sendo, as representações e significações do espaço conquistado por homens, e mulheres, reflete a dinâmica das representações de poder.

Butler (2003) considerou problemas na busca de definição de gênero para substituir a categoria de mulheres. Para a autora tal conceito faz perpetuar o binarismo que limita a concepção de feminino/masculino e ela faz questionamentos acerca do que dá legitimidade à existência desses sujeitos, com críticas às estruturas imóveis nas quais são colocadas. Também faz uma reflexão sobre o feminismo e o

compreende como um movimento em transformação; assim, os questionamentos são o que impulsionam a sua renovação.

Ainda no pensamento de Butler (2003), a categoria mulher pode ser usada no cenário político. Entretanto, há de se entender que é polissêmica e seu objetivo é desmistificar os rótulos que fixam essas identidades. A autora propõe uma reflexão sobre o que forma a mulher, ou seja, o processo em si. Essa posição abre caminho para a ressignificação da constituição dos sujeitos, ressignificando ainda o que chama de categoria gênero.

Apreender as estruturas de gênero vai além do debate do seu conceito, pois, as relações estabelecidas e naturalizadas, oriundas da carga imposta a ele, perpetuam-se nas significações e normas sociais, criando espaços e dinâmicas que corroboram com a manutenção de sua identidade fixa. A partir desta problemática, surge a compreensão de que gênero se configura como um conceito relacional, que pertence às relações sociais e tem sua significação nas relações de poder (Costa; Madeira; Silveira, 2012).

[...] Revelar as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações histórica e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens, o que aproximou da perspectiva da história cultural, que procura identificar de que modo, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas repletos de significados e de relações de poder (Possas, 2004: 266).

As pesquisas de gênero foram, então, fundadas em estudos sobre a mulher, no fim da ditadura militar, quando algumas mulheres exiladas voltaram ao país e somaram suas experiências feministas, adquiridas em outros países, à produção teórica brasileira; e, então, o debate sobre gênero começou a tomar forma, onde se apropriou da discussão, seguindo uma tendência internacional (Moraes, 2000).

Nesse sentido, nota-se que para a compreensão das relações de poder constituídas, é necessário que se entenda como estas se dão socialmente entre os gêneros, concebendo que estão intimamente relacionadas, não reduzindo apenas a si, mas influenciando, de forma clara, o que é posto. Queiroz (2008) apresentou que as pautas feministas acerca da subordinação feminina foram além do poder distribuído de forma desigual, trazendo à tona os comportamentos e ações que se dão nas relações sociais e afetivas. As relações de gênero devem ser entendidas como relações de poder, tendo que o gênero na condição do ser não apresenta trajetórias iguais em

todos os campos, que divergem de acordo com a comunidade em que estão alocados (Lima; Mélo, 2012).

Para que se faça uma compreensão aprofundada sobre as relações de gênero é necessário que se compreenda as relações de poder, analisando-as em todas as suas vias; a análise do gênero, então, nas diversas relações, é essencial para uma visão ampla e que se desfaça da dicotomia estabelecida (Costa; Madeira; Silveira, 2012). Desta forma, pode-se dizer que o conceito de gênero neste trabalho não é compreendido de maneira estanque. Consideramos as diferentes concepções e significados não sendo, assim, possível estimar uma definição específica sem entender a construção influenciada pelas inúmeras variáveis.

3. Religião: contemporaneidades e relações

Etimologicamente religião origina-se do latim *religio* que significa louvor aos deuses ou de *religari*, que quer dizer religação. Todavia, tais definições não conseguem acompanhar a complexidade das religiões contemporâneas, sendo necessário compreender as religiões na atualidade, como indicam Weber (1997), Pierucci (2006) e Prandi (2008).

De acordo com Weber (1997), as religiões, apesar da clássica visão de que elas religariam o indivíduo com o divino, atuam em outro sentido, o de desfazer laços de família que são laços de sangue – a partir de um modo individualizante de interpelação do indivíduo, que responderia ao chamado da conversão.

Concordando com Weber (1997), Pierucci (2006) explica que na atualidade as religiões dissolvem pertencas e linhagens antes constituídas. Tal constatação levanta dois aspectos das religiões contemporâneas: a questão da construção da identidade religiosa do indivíduo e a sua fidelidade com a religião escolhida para conversão.

Nesse sentido, Sanchis (2001) afirma que as religiões na contemporaneidade apontam para três caminhos distintos: o da diferenciação, o da mundanização e o da racionalização. Tais caminhos indicam maior autonomia de instâncias antes submetidas à religião, de uma secularização interna das religiões, que iniciam um processo de diálogo com outras esferas da sociedade e um movimento moderno de supressão da magia e do mistério religiosos do plano social.

Ademais, Prandi (2008) explica que o advento da globalização fez com que as diferenças entre as religiões se dessem no debate individual, e não mais a nível de nações, já que, como enfatiza o autor, as religiões na atualidade aproximam os iguais, distanciam os diferentes e imprimem identidades. Nesse novo contexto contemporâneo, a religião, portanto, passa a atuar como força motora da ruptura. Em uma cultura que dá espaço à individualidade, a religião legitima escolhas pessoais, controla identidades e se mantém estável por todo o mundo, sem apegos a lugares comuns ou pontos específicos.

Mariano (1999) apresenta as mudanças pelas quais a igreja passou no decorrer dos avanços sociais, mudanças essas que foram se desencadeando de acordo com as novas dinâmicas da sociedade.

4. Gênero e religião

Birman (1996) apresenta que o papel da mulher nas instituições religiosas é constituído através da divisão do trabalho, sendo pertencente ao âmbito do trabalho doméstico, estruturando uma harmonia entre o papel da mulher na esfera privada e na religião. Entretanto, para o entendimento do lugar social em que as mulheres estão alocadas, é necessária a análise da construção do feminino em relação às concepções religiosas nas quais se encontram, pois, "Nos sistemas religiosos, dificilmente é possível considerar que o lugar do feminino seja exatamente o mesmo." (Birman, 1996: 210).

Neste sentido, como pontua Gouvêa Neto (2015), as definições dos papéis desempenhados por mulheres fiéis são estabelecidas dentro de contextos sociais e históricos específicos, subsidiadas por uma gama de modos e razões para se performarem. Presume-se que mulheres com características distintas tenham o gênero forjado de maneiras diferentes, influenciadas por idade, carreira, cor, dentre outras singularidades.

Torna-se necessário compreender a categoria de gênero como não estática, abordando-se a pluralidade de influências sob a qual esta se estabelece. Desta maneira, gênero, enquanto ato, se realiza através das performances e práticas de sujeitos que são resultados de discursos e normas forjadas. Ainda sobre a performatividade de gênero, a autora propõe: "Resta-nos persegui-lo em seus diferentes contextos, não para delimitá-lo em novos conceitos oclusivos, mas para

compreender o significado das ações de quem o vivencia" (GOUVÊA NETO, 2016:104).

Tendo como referência os avanços nos direitos sociais, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e as demandas das lutas femininas, Aragão Filho (2011) verificou que as representações de gênero nas organizações religiosas têm se dado de forma diferente para homens e mulheres. Para as mulheres, a dominação masculina nos espaços, sejam eles religiosos ou não, tem sido pauta de discussão. Outra provocativa trazida pelo autor é a de que nas novas estratégias para conquistar novos fiéis, as mulheres atuem como agregadoras de novos cristãos, além do fato de que igrejas que incluem as mulheres em seus processos ganham simpatia do público feminino.

Um outro estudo sobre as relações de gênero nas igrejas analisou o campo familiar. As muitas interpretações que podem ser geradas através das leituras bíblicas ressignificam as estruturas construídas nos espaços religiosos, sendo uma das discussões limitada à que determina os valores da família tradicional, ou seja, outros aspectos podem mutar-se a modo de se flexibilizarem; entretanto, a família tradicional deve permanecer inalterada, com o homem como linha de frente e a perpetuação da mulher em seu posto de inferioridade e submissão (Francisco, 2002).

A conversão se dá em diferentes processos para homens e mulheres. As demandas levadas aos espaços religiosos pelos homens são comumente dificuldades financeiras, problemas de saúde e desemprego, enquanto que as motivações para as mulheres giram em torno de conflitos domésticos. Esse diferencial exemplifica que o papel da mulher ainda é o de guardiã e protetora da família, enquanto o homem reafirma sua identidade individual (Machado, 2005).

As mudanças nos últimos quarenta anos possibilitaram que as mulheres ocupassem os espaços de poder que antes eram restritos aos homens. Aubrée (2014) explicita essas mudanças ao apresentar sua análise sobre quatro representantes femininas em uma trajetória entre combate e libertação, em seu protagonismo nos espaços além religiosos refletirem nas interações dentro das igrejas.

A busca pela representação igualitária aparece de forma acanhada, contrariando as pregações que reafirmam um modelo patriarcal, e vem ganhando espaço a passos curtos.

5. Metodologia

O presente estudo estruturou-se a partir dos pilares da pesquisa qualitativa, que utiliza dos significados, das ações, dos motivos, das crenças e valores que, em conjunto, correspondem a um olhar mais profundo das relações e processos, que não são redutivos a quantificações (Minayo, 2002).

A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas com eixos que norteiam o entrevistador; entretanto, estas dispõem da liberdade necessária para que ambos, o entrevistado e o entrevistador, percorram os eixos através do diálogo.

Para a seleção das pesquisadas foi utilizada a técnica de Bola de Neve, que define a amostra por referência. Nesta técnica os participantes iniciais indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes. Partindo do pressuposto de que as primeiras mulheres entrevistadas foram selecionadas no contexto de grupos de organização de mulheres de uma instituição pública de ensino superior em uma cidade no Triângulo Mineiro, o recurso utilizado foi o de cadeia de informantes. Vinuto (2014) apontou que esta forma de amostra se faz útil para pesquisa em grupos de difícil acesso. No caso desta, este foi um recurso importante visto que os componentes não poderiam ser escolhidos de maneira aleatória.

O primeiro contato com as entrevistadas foi feito através do *Facebook*, em grupos específicos de organização de mulheres. Partindo do contato inicial, identificou-se potenciais entrevistadas, estratégicas para o acesso aos diferentes grupos e contato com outras mulheres. Neste sentido, quinze mulheres foram entrevistadas, selecionadas de acordo com sua trajetória religiosa, dividindo-se o universo pesquisado em dois grupos. O primeiro deles, de mulheres ativas no contexto evangélico, foi composto por sete entrevistadas que apresentavam vínculo com uma universidade pública de ensino superior. O segundo grupo, formado por oito mulheres, foi selecionado com o critério de que estas tivessem tido, em suas vivências, trajetória dentro de instituições evangélicas, mas que tenham rompido o vínculo em algum momento e que, também, apresentassem vínculo com a universidade.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A seleção dos atores deu-se entre os meses de julho e agosto de 2018 e as entrevistas foram

realizadas nos meses de setembro e outubro, finalizando-se as transcrições em novembro de 2018.

Para análise dessas entrevistas utilizou-se a análise de conteúdo (AC) (Caregnato; Mutti, 2006). Campos (2004) compreende que a AC propicia a valorização da fala em suas faces polissêmicas e fornece ao pesquisador maior variedade de interpretações. Neste ensejo considera-se a forma de expressão do sujeito pesquisado, permitindo-se categorizar palavras e frases por meio das expressões que representam.

Quadro 01 – Perfil das entrevistadas

	Perfil
Entrevistada 1	24 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel. Igreja: Videira.
Entrevistada 2	21 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente. Igreja: Batista Shalon.
Entrevistada 3	22 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel. Igreja: Sal da Terra.
Entrevistada 4	23 anos, orientação sexual indefinida, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente. Igreja: Universal do Reino de Deus.
Entrevistada 5	22 anos, bissexual, união estável, 1 filho, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente. Igreja: Batista Betel.
Entrevistada 6	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel. Igreja: Internacional da Graça.
Entrevista 7	25 anos, bissexual, solteira, sem filhos, psicóloga, ensino superior completo. Dissidente. Igreja: Presbiteriana do Brasil.
Entrevista 8	24 anos, heterossexual, casada, sem filhos, psicóloga, ensino superior completo. Dissidente. Igreja: Batista Independente.
Entrevista 9	22 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel. Igreja: Assembleia de Deus.
Entrevista 10	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel. Igreja: Presbiteriana do Brasil.
Entrevista 11	20 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente. Igreja: Assembleia de Deus.
Entrevista 12	23 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino



	superior incompleto. Dissidente. Igreja: Presbiteriana do Brasil.
Entrevistada 13	31 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, designer, pós-graduação incompleta. Dissidente. Igreja: Batista.
Entrevistada 14	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel. Igreja: Batista Shalon.
Entrevistada 15	21 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel. Igreja: Bola de Neve Church.

Fonte: Elaborado pelos autores.

6. Análise dos Dados

Para melhor compreender como se estabelece a relação entre o gênero e suas representações, nas instituições religiosas das entrevistadas, realizamos questionamentos que buscassem esclarecer a divisão de atividades e os vínculos de poder determinados dentro das denominações. Neste ensejo, buscamos, também, encontrar, no conhecimento bíblico das pesquisadas, o embasamento para que as práticas se estabeleçam como são.

De maneira geral, procuramos captar como é a visão analítica das instituições sobre as mulheres fiéis. Para tanto, traçamos o caminho para que estas nos descrevessem como é estabelecido pelas igrejas o pensamento sobre o ser mulher e como se compreendem inseridas nessa dinâmica.

(001) Ser mulher é auxiliar, né, na casa; é cuidar da família assim como o homem também, né? Que a igreja prega que o homem deve amar a mulher assim como Cristo amou a igreja e a mulher deve amar o seu marido também, né, e auxiliar ele. (Entrevistada 01)

(002) A visão da mulher na igreja é tipo uma coisa assim mais dona de casa, mais do lar, uma pessoa mais que cuida. (Entrevistada 09)

(003) A mulher como auxiliadora, submissão é sob uma mesma missão, sabe? Então o homem meio que assim esquematiza a missão; ele é o cabeça, e a mulher é aquela que está ali do lado, está ali junto, e ajuda, e sem ela não aconteceria. Ela é fundamental. Vejo os pastores falarem das esposas deles, quase que não tem um culto que eles não citam suas esposas, e a família. Vejo que eles têm consciência que elas são fundamentais nas vidas deles, e que não seria a mesma coisa sem elas. São totalmente fundamentais (Entrevistada 10).

Fica nítido, nos fragmentos (001), (002) e (003), o entendimento da missão que é estabelecida para as mulheres. A repetição das palavras auxiliar, ajudar e cuidar

expõe o discurso que se tornou inerente na dinâmica do Cristianismo. O que prevaleceu, entre as respostas, foi a atribuição do cuidado à figura feminina. Baseado no sistema patriarcal de relações, onde homens mantêm o poder primário, é tido, como em uma compreensão natural, que a figura da mulher tem em si os atributos que lhe permite desenvolver tais atividades de maneira intrínseca.

Corroborando o que foi proposto por Madureira (2004), as características do corpo antecedem e definem, de antemão, as formas de tratamento a que são submetidos homens e mulheres. A condição biológica das mulheres, relacionada à maternidade, remete a elas, também, a responsabilidade em atividades de cuidado e manutenção do lar. Entretanto, a disposição biológica nada influencia no desenvolvimento dessas atribuições.

(004) Eu acho que querendo, ou não, a visão da mulher nunca vai ser desvinculada da maternidade, e eu nem acho que deve, mas eu também não acho que deva ser só isso. (Entrevistada 15)

O que se evidencia, no fragmento (004), é o incômodo sentido pela entrevistada pela vinculação da imagem feminina às suas condições biologicamente estabelecidas, demonstrando o anseio para que se reconheçam características além.

Ainda no sentido de investigar qual é a visão das instituições sobre o ser mulher, encontramos definições sobre moldes propostos pelas igrejas e passados para as fiéis sobre como estas devem se portar. Entendemos, aqui, as diferentes maneiras por meio das quais são propostos tais moldes, explicitamente, ou atrelados a cargas culturais. A subjetividade, no que tange ao comportamento das mulheres, nas orientações passadas pela instituição, não se reduz apenas ao modo com que estas apontam as exigências, mas expressa-se na compreensão das mulheres, de acordo com suas vivências e concepções.

(005) Ah, ela deve se portar de forma que não cause escândalo a ninguém com roupas de um padrão assim longo; deve ser discreta, essas coisas. (Entrevistada 09)

(006) Eu acho que querendo, ou não, a mulher...Passado ali, eu vejo isso, é muito cobrado que mulher se trate com respeito, entendeu? Que se trate com decoro, que... demonstre uma constante retidão e demonstre uma, talvez uma perfeição que acho que não deve... que é mais cobrado nela do que nele. (Entrevistada 15)

Nota-se, nos fragmentos (005) e (006), que a resposta ao que se estabelece, abertamente ou não, dentro das instituições, conta com a percepção individual de

cada mulher. Entretanto, fica claro o estabelecimento de um comportamento passivo e que não busque destaque. No excerto (006) a entrevistada pontua, também, o que já fora citado nos blocos anteriores: a cobrança maior para a respeitabilidade no comportamento das mulheres em relação ao comportamento masculino.

Outra questão levantada, neste ensejo, foi a respeito do comportamento feminino em relação aos homens. No trecho (007) a entrevistada coloca claramente o que é posto, cabendo aqui ressaltar o contexto patriarcal cristão, no qual as mulheres são responsabilizadas pelas "necessidades" masculinas.

(007) Por exemplo, os homens têm de respeitar o tempo todo as mulheres, ter o cuidado mesmo com elas. Porque até mesmo na literatura a gente estuda que sempre o homem é tido sempre como o desbravador, e mulher como a flor, aquela coisa mais delicada. De respeitar, cuidar, zelar da mulher, e a mulher não ser uma pedra de tropeço para os homens, no sentido de não provocar uma necessidade que eu não vá suprir, talvez assim... me insinuar, ou sensualizar para um homem, talvez casado, ou para qualquer homem, se eu não for suprir aquela necessidade dele, se aquilo não for certo para não fazer. E o homem para não desrespeitar as mulheres, não adular, por exemplo. (Entrevistada 10)

No que corresponde aos moldes, as entrevistadas também pontuaram o que é, então, passado aos homens das instituições. Como exemplificação, no trecho (007) é citada a relação com as mulheres pautadas no cuidado, atribuindo a elas a função de zeladoras de sua integridade. Entretanto, é incumbido a elas que tenham a compreensão de que são responsáveis por possíveis reações despertadas.

Outro ponto que merece destaque é a diferenciação, dentro das instituições em relação às mulheres da igreja. Entende-se que são passados os moldes gerais cristãos de como os fiéis devam comportar-se; no entanto, encontramos, no fragmento (008), a mensagem clara de que o cuidado que é orientado aos homens sobre as mulheres está limitado àquelas integrantes do seu meio religioso.

(008) Assim, eles falam que, como as pessoas lá dentro devem tratar as mulheres da igreja no geral, que não deve existir tipo de assédio, que não pode existir nada do tipo. Eles meio que repudiam isso, de assédio, de ficar dando em cima das meninas lá da igreja, pessoas que são solteiras, eles não permitem isso. Se eles ficarem sabendo, não que eles vão expulsar a pessoa da igreja, mas, eles vão exortar. (Entrevistada 01)

As práticas evangélicas têm mudado no decorrer dos últimos anos e, entre elas, o uso de vestimentas características que compunham o estereótipo da mulher crente, como concluiu Mariano (1999). Percebe-se a flexibilização nos costumes e a maior aceitação de diferentes tipos de vestimentas nas instituições; esse movimento tem o

ponto de partida dentro do meio religioso, sendo muitas vezes fomentado pelo choque de ideias e interpretações do que está posto (fragmento 085).

(009) Acaba sendo um costume e acaba sendo uma cultura da Assembleia, porque vem de muito antigo. Então, hoje é muito discutido porque não é liberado. É liberado você ir para estudos, escola, trabalhos e, de uma forma geral não é liberado; algumas coisas sim, e algumas coisas não, só que é uma coisa que nossa geração está enfrentando com a geração antiga. Então, acaba batendo de frente; a gente concorda que se liberar totalmente pode acarretar, como que fala... uma quebra de cultura geral. (Entrevistada 06)

No fragmento (009) pode-se perceber a compreensão da entrevistada sobre os moldes exigidos pela instituição ligados à vestimenta. Nota-se que a fiel considera a tradição existente e a contrapõe com a construção cultural em seu contexto religioso cabendo, também, ressaltar a comparação que ela faz entre as diferentes gerações na igreja e as mudanças decorridas com esse choque.

Para além das atribuições femininas, foi pontuado, pelas mulheres, o papel constante do homem, que se estabelece de maneira central e se torna ponto de referência para as demais atividades. Corroborando com o que propuseram Medrado e Lyra (2008), é necessário que se compreenda, também, a construção das masculinidades no contexto das questões de gênero pois fundam, da mesma maneira, as assimetrias existentes, perpetuando o sistema de opressão presente.

(010) Eu acho que a bíblia, ela confere à mulher um papel muito conciliatório. Que a bíblia fala muito da diferenciação entre o que é ser mulher e o que é ser homem né? Que o homem tem uma personalidade às vezes um pouco mais agressiva e que a mulher seria esse chamar à ponderação. Enfim, e também de... de administração da... da família. Assim, a mulher fica muito com esse papel que eu percebo na bíblia de administrar a família mesmo assim; de administrar a casa, de administrar a vida dos filhos. A bíblia fala sobre isso sim, em alguns trechos. Mas, até aquela questão da submissão é uma tradução errada do grego né? Então, assim, não é uma questão de papel inferior, mas é uma questão de papéis distintos de homens e mulheres que têm sim, dentro da Bíblia. Eu percebo que existem. (Entrevistada 03)

Embasado nas passagens bíblicas, o trecho (010) demonstra o entendimento, por parte da fiel, das prerrogativas existentes para que homem e mulher ocupem hoje os lugares que lhe são atribuídos. Na ocasião, deixando claro a diferenciação de papéis existentes, salienta não existir superioridade ou inferioridade, em sua concepção, em relação a estes papéis.

Compreendendo, aqui, o contexto patriarcal estabelecido, podemos indicar nas entrevistas a manutenção da figura masculina no centro das relações sociais,

subordinando a imagem feminina a partir de sua influência. Tal fato pode ser demonstrado no fragmento (011) que expressa a maneira com que são organizadas as atividades na instituição da pesquisada.

(011) As mulheres, elas podem ser líderes de jovens até antes de casar. Aí, se elas casarem e forem líderes de jovem, a liderança passa para o marido, para o marido liderar os jovens porque não é aconselhável a mulher casada liderar jovens; porque ela tem que ter um relacionamento mais íntimo, mais de perto com as pessoas que ela lidera e, não é aconselhável mulher casada liderar por exemplo, homem solteiro, para evitar qualquer tipo de, de assédio, qualquer tipo de coisa, né? Para guardar a vida da mulher, nesse sentido. Aí a mulher, ela pode ser líder de jovem até quando ela for solteira e líder de criança, que é do ministério infantil. (Entrevistada 01)

O que pode ser extraído do excerto (011) é a vinculação direta das funções femininas ao papel do homem dentro da instituição. Em detrimento de sua escolha, de casar-se ou não, as atividades que desenvolve podem alterar-se e, por vezes, sua função na construção da instituição se permeará pela figura masculina.

O caminho que se abre, nessa discussão, pode seguir em diferentes sentidos, entendendo que outra circunstância, citada de maneira comum entre as entrevistadas, é a vinculação de papéis institucionais às figuras masculinas. Além das atividades por elas descritas, que não são realizadas por mulheres, a figura do homem como pano de fundo foi um dos pilares nas explanações.

(012) Para a líder virar pastora, o marido dela tem que ser chamado para pastor, né? Ser obreiro porque primeiro vira obreiro antes. Não é assim de líder direto para pastor. Tem um treinamento que ele é levantado a obreiro e enquanto ele é obreiro, ele... ele faz algumas funções de pastor: algumas reuniões, lidera, dá aula nos cursos, faz algumas pregações. Depois desse treinamento, que não tem uma regra de quanto tempo, mas eu acho que é no mínimo um ano, quando ele vira pastor, aí a mulher dele geralmente, não é uma regra também, ela tem que virar pastora, mas geralmente ela vira obreira, fica no mesmo teste que ele e depois vira pastora. Aí os dois viram pastores. (Entrevistada 01)

No fragmento (012), pode-se observar a condição existente para que uma mulher possa elevar-se no seu contexto religioso, tendo a figura masculina como centro das relações constituídas. Pode-se compreender também, através dos caminhos percorridos nas respostas das entrevistadas, atividades que não são colocadas como possibilidades para as fiéis, estando definidamente dispostas apenas para o homem, também visto como o responsável pelo núcleo familiar.

(013) Participar do conselho da igreja, são só homens. Porque eles dizem que como no conselho da igreja são só os pastores, os pastores têm que ter família. Então, se um homem está lá, ele está representando a família dele, entendeu? (Entrevistada 14)

Na compreensão individual de cada entrevistada, também se pontuou a participação feminina em cargos de liderança, corroborando com o que já citamos em momentos anteriores, ou seja, as atividades de liderança, dispostas à figura feminina, se baseiam no cuidado, estando, em sua maioria, vinculadas a tarefas com o público infantil ou com a organização da igreja. Dessa forma, vai ao encontro do que foi salientado por Sousa e Guedes (2016), que situaram as relações assimétricas entre os sexos e a geração das desigualdades a partir disso, atribuindo à mulher as funções de cuidado.

No que tange ao conhecimento bíblico das entrevistadas, abordamos o que é compreendido por elas para a alocação das mulheres no conjunto da vida social, no trabalho, na família, na igreja e na sociedade em geral. A compreensão da bíblia como base para o Cristianismo leva à reflexão das diversas possíveis interpretações e releituras que existem.

A compreensão do contexto, temporal e social no qual a bíblia foi escrita, foi citada por algumas entrevistadas, que salientaram a importância de se colocar as diferenças existentes entre costumes e práticas. O entendimento de diferenças entre as interpretações bíblicas, e a necessidade de uma análise que paute a situação das mulheres no livro sagrado, reitera o que foi posto por Marcos (2007), que apontou as possibilidades de reinterpretção na busca da exclusão dos sexismos existentes.

(014) Eu tenho muitas passagens que fala que mulher tem que ser muito certinha e não sei o que... é, e outra. Eu posso até abrir um parêntese nessa parte, a bíblia em si é muito preconceituosa contra a mulher porque ela se refere somente ao homem. Então, homem serve para mulher e para homem; então, nesse ponto, tipo assim, têm muitas pessoas que pregam quando vão pregar que é só para homem, só que não. Eu acredito que seja para os dois, mas igual eu falei, nesse caso ela é muito preconceituosa em dizer somente ao homem se está se referindo aos dois, entendeu? Então, as interpretações, mas também a verdade, eu não acredito que tudo que está ali é para essa época que se está vivendo porque quanto mais tempo se... mais preconceituoso é. Então, a bíblia tem quantos anos? Então, como que era o preconceito naquela época? Tem tudo isso. (Entrevistada 06)

Pode-se extrair, do fragmento (014), o sentimento de insuficiência na interpretação do texto bíblico, passado pela instituição para a fiel, além da compreensão dos entraves existentes na época das escrituras e a invisibilização da mulher nessa leitura.

No que corresponde às referências da bíblia para com a mulher no trabalho, foi pontuada a ausência de passagens que tratem dessa temática, compreendendo o momento em que os textos foram escritos e corroborando com a cultura androcêntrica, que tende a assumir o masculino como representação coletiva, valorizando suas experiências e comportamentos, e facultando a mulher ao lar e à família.

(015) Eles pontuam muito a mulher como a cuidadora da família, mas não deixa de ser o trabalho dela. É o servir. Tem uma imagem de um guarda-chuva que era Deus, o marido, a mulher, e a família, os filhos. Então é uma relação da mulher servir no âmbito familiar, mas não fala nem que a mulher não pode ocupar cargos na sociedade, nem que pode. Não deixa uma proibição para mulher de cargos mais acima, mas fala do trabalho da mulher como um zelar pela família. (Entrevistada 10)

No que se relaciona aos demais âmbitos da vida das mulheres, adentramos no contexto da igreja e a maneira com que as fiéis devem se colocar, conforme é pontuado na bíblia. Nesse contexto, as funções de acolhimento e auxílio à comunidade foram descritas.

(016) Tem uma passagem em Timóteo que diz que as mulheres não devem falar na igreja. Eu não lembro bem o versículo e o capítulo, mas eu sei que é em Timóteo. (Entrevistada 09)

(017) Tem um texto em provérbios que fala: “a formosura é uma ilusão, mas a mulher que teme a Deus será elogiada”. Existem muitas mulheres, mas você é a melhor de todas. Então ele preza muito sobre a inserção da mulher, e a valorização da mulher como temente a Deus, que faz toda a diferença. Uma mulher temente a Deus, que vai ser uma auxiliadora que o marido precisa. (Entrevistada 10)

Além das funções tradicionais dispostas às mulheres, as entrevistadas também dissertaram sobre a orientação para que estas não se expressem na igreja, compreendendo que as funções femininas não lhes concedem grande espaço de fala. O fragmento (016) pontua, em passagem bíblica, a maneira com que as mulheres não são incentivadas a falarem no contexto religioso.

Em relação ao que a bíblia concede às mulheres, no aspecto familiar, encontramos, nas entrevistas, falas que circundam e corroboram com o que já fora explicitado quantos aos moldes passados pelas instituições, bem como a visão da igreja sobre a mulher. O modelo de sociedade patriarcal, instituído e naturalizado, encarrega as mulheres, nos diferentes âmbitos da vida, às tarefas domiciliares e voltadas ao zelo dos filhos e do marido.

(018) A cuidar dos filhos, cuidar da casa, apesar que, dependendo da parte de onde você olha, que é sempre a mulher fazendo algumas coisas para o marido. (Entrevistada 06)

(019) Fala sobre cuidado, sobre muito cuidado, sobre ser cautelosa, sobre cuidar dos filhos, sobre pensar muito, sabe? A mulher, ela sabe diferenciar as coisas muito bem, sabe o que escutar. Tudo isso é o que a bíblia fala, sabe? E a importância da mulher é muito grande, tipo, um não sobrepõe o outro, sabe? Os dois são iguais nesse sentido, mas, de formas diferentes. Têm o mesmo peso, de formas diferentes. (Entrevistada 014)

No que se refere ao comportamento feminino, na sociedade, as respostas encontradas também se mantiveram neste sentido, reforçando a opressão existente que delega às mulheres a responsabilidade doméstica. As possíveis diferenças que surgem ainda são no sentido de funções para o outro, atribuindo a elas os adjetivos de auxiliadora, cuidadora, entre outros.

(020) Então, o papel da mulher na sociedade, que eu acredito a partir do que a bíblia prega é essa questão da mulher virtuosa né? Da mulher que trabalha e que presta auxílio não só dentro de casa, mas para com as outras pessoas. Eu acho que a bíblia, o principal, até as personagens que tem né, dentro da Bíblia, elas são muito voltadas aos outros, entendeu? (Entrevistada 03)

Questionadas quanto à representatividade sentida dentro de suas instituições de origem, por meio das respostas das mulheres entrevistadas, compreendemos a variação entre os significados apreendidos por estas fiéis no que diz respeito a este conceito. A ausência de mulheres nos altos cargos, e nos espaços de fala de destaque da igreja, é sentida e pontuada. Entretanto, encontramos a menção às mulheres que desempenham importantes atividades nas organizações, embora não estejam inseridas nas relações de poder.

(021) Eu sinto pouca representatividade dentro da igreja, tanto porque os cargos de liderança são mais para homem; mas, tem uma, inclusive tem uma evangelista na igreja que eu gosto quando ela que fala, que para mim ela é muito mais inteligente que o restante dos caras lá. Assim, ela me representa, entendeu? Mas assim, só tem ela. (Entrevistada 03)

(022) Então, sim, mas tem pessoas...Eu acho que a ideia de igreja é muito família, sabe? Tipo esse pastor babacão lá. Ele não me representa, para mim ele... ele é pastor, mas, ele não me representa. Ele não representa as minhas ideias. Mas, por exemplo a esposa dele, eu gosto muito dela. Para mim é uma mulher muito inteligente, sabe? Então eu vejo as pastoras lá da igreja muito assim, sabe? Mulheres inteligentes que sabem articular muito bem, conversar, que buscam muito pelo conhecimento. Isso eu gosto bastante. (Entrevistada 14)

Podemos extrair, por meio da entrevistada do fragmento (021), a compreensão da representatividade na totalidade do corpo da igreja. Cabe ressaltar, novamente, a referência à esposa do pastor de maneira acessória. O entendimento de representatividade, colocado sobre outras mulheres, circunda em atributos como a busca pelo conhecimento e a inteligência, estando relacionados tanto às pregações, no seio das igrejas, quanto às questões intelectuais e de comunicação.

Considerando a dimensão da violência contra a mulher como grande problema social, buscamos compreender a maneira como as instituições das pesquisadas se posiciona. Procuramos saber se temas como o assédio, a discriminação e as diversas formas de violências, que ainda são ferramentas de opressão, são pautados nos seus cotidianos.

(023) Aí é de acordo com a lei também, sempre pregado conforme a gente já sabe. Se acontecer alguma coisa, não precisa você falar com o pastor. Você pode ir na polícia. Se você precisar de auxílio do pastor para poder chamar a polícia, à vontade, apesar que a gente sabe que acontece muitos casos que pastor passa a mão na cabeça. (Entrevistada 06)

(024) A gente acha errado qualquer tipo de violência. Tipo, a bíblia repudia isso, tipo, você não tem direito sobre o corpo de outra pessoa, não tem como você violentar. Então, a gente repudia isso de qualquer forma. Apesar de ter pessoas lá dentro que a gente olha e fala "Gente, você é crente mesmo, querido?" Mas, eu acho que toda instituição tá tendo isso, né, esse problema. (Entrevistada 14)

Uma problemática comum, encontrada nos fragmentos (023) e (024), é a noção das mulheres de que o problema da violência, embora teoricamente seja repudiado pelas instituições, permanece por vezes naturalizado e omissos entre os integrantes das igrejas. Outro ponto que cabe por nós ser analisado, é a compreensão da violência de uma maneira geral, não atribuindo especificamente o agravante das maneiras de violência que (re)existem contra a mulher.

(025) Eu nunca presenciei, tipo, o posicionamento deles, mas eu imagino que pelo que eles falam, eles são contra a violência. Mas, eu não vi algo específico contra o feminicídio. (Entrevistada 15)

O anseio sobre a tratativa específica sobre o feminicídio foi sentido pela entrevistada, como aponta o excerto (025), entendendo que embora o posicionamento institucional seja contra, são necessárias medidas que informem e resguardem as mulheres nestas situações.

O afastamento do meio religioso do movimento feminista é novamente sentido, entendendo que a falta de compreensão das reais demandas do movimento resulta em uma percepção distorcida de seus propósitos, colocando-o em sentido oposto ao que é pautado pelas instituições, criando, assim, percepções antagônicas e com grande carga de preconceito.

A influência da mídia na construção da barreira entre religião e feminismo é fundamental, entendendo que as buscas do movimento e suas temáticas tocam os cotidianos femininos e têm em si o poder de mudança na manutenção dos papéis convencionais atribuídos às mulheres. Abordar as questões que dizem respeito à rotina das mulheres através de uma perspectiva feminista pode criar impulsos contra-hegemônicos e impulsionar a luta pela emancipação das mulheres (SOUZA, 2017).

(026) O que eu percebo que a igreja tem é que a igreja, às vezes, ela compartilha de muitos pontos que o feminismo acredita. Mas, por haver uma demonização até midiática do feminismo, eles não querem chamar aquilo de feminismo. Então que a mulher, ela, ela tem um papel importante na sociedade, que a mulher ela, tem uma, tem um incentivo para que as mulheres estudem, tem um incentivo à maternidade consciente. Eu percebo isso dentro da igreja, mas, que as pessoas não querem chamar aquilo de feminismo porque feminismo, muita gente acredita que feminismo é contra a família, que feminismo não quer que as mulheres sejam mães, né e tal. E a igreja, ela preza muito pela família. Então, assim, tem uma aversão, mas que é uma aversão que eu acho que é por falta de diálogo mesmo, entendeu? Prega-se muito antiviolença contra a mulher, a igreja. É, a igreja é contra a violência contra a mulher, fala isso para os homens. É falado abertamente sobre isso. Então, assim, a igreja para mim, dentro da igreja que eu convivo né, as mulheres não, não sofrem muito uma, muita opressão nesse sentido, apesar de às vezes as pessoas mais velhas acharem que a é a mulher que tem que cuidar da casa e tal. Mas, as pessoas mais jovens já não têm muito essa concepção dentro da igreja não. (Entrevistada 03)

A compreensão da entrevistada, conforme se expressa no trecho (026), é sobre o sentido comum em que caminham a igreja e o feminismo, abordando temas que valorizam o papel da mulher nos diferentes espaços e zelam por sua inserção na sociedade de maneira consciente. A manutenção da imagem negativa atribuída ao movimento feminista pelo cenário religioso dificulta o processo de autonomia das mulheres.

A importância do diálogo entre as diferentes vertentes do feminismo, e suas buscas, e as instituições religiosas, surge nas situações em que as mulheres poderiam estar, hoje, inseridas em outros moldes sociais, principalmente aquelas atuantes no

meio religioso. A interseção entre os dois contextos, vistos como contrários, acarretaria na aceleração das liberdades individuais femininas.

7. Considerações Finais

Este trabalho teve por objetivo principal compreender as representações de gênero de fiéis e ex-fiéis de igrejas pentecostais de uma cidade do Triângulo Mineiro. Partindo de uma abordagem qualitativa, instrumentalizada a partir da aplicação de quinze entrevistas semiestruturadas, pôde-se constatar que a mulher é, normalmente, concebida como sendo acessória/auxiliar na perspectiva das instituições religiosas. Seu papel, normalmente associado ao cuidado com o pastor, com a organização da igreja, bem como com o auxílio nas atividades pastorais, requer uma posição passiva, que não busca destaque e é impedida de se expressar livremente.

Cumprido destacar, no entanto, que tal leitura corresponde a um fragmento da realidade vivenciada pelas mulheres (fiéis e ex-fiéis) de igrejas pentecostais de uma cidade do Triângulo Mineiro. Neste sentido, as considerações aqui postas resumem-se à realidade pesquisada. No entanto, parece que tais conclusões estão em consonância com a bibliografia estudada e, em grande parte contribuem para uma visão ampliada da matéria.

Como sugestões de trabalhos futuros podemos apontar em direção a pesquisas que tenham, como escopo principal, mulheres que possuam (ou possuíram) vínculos religiosos com igrejas neopentecostais, bem como de outras denominações religiosas como espíritas, umbanda e candomblé.

8. Referências Bibliográficas

ALENCAR, G. F.; FAJARDO, M. P. Pentecostalismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero? *Estudos de Religião* 30(2), São Paulo-SP, Universidade Metodista de São Paulo, 2016, pp. 95-112.

ALGRANTI, J. M. Tres posiciones de la mujer cristiana: estudio sobre las relaciones de género en la narrativa maestra del pentecostalismo. *Ciências Sociais e Religião*, 9(9), Porto Alegre-RS, Núcleo de Estudos da Religião, 2007, pp. 165-193.

ARAGÃO FILHO, I. L. Religião e gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal. Dissertação de Mestrado, Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

AUBRÉE, M. Brasil: as mulheres pentecostais entre 'combate' e 'libertação'. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, 25(1), Recife, 2014.

BANDINI, C. Corpos, símbolos e poder: marcadores de desigualdades sociais no espaço religioso. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 5(2), São Paulo, 2005, pp.71-86.

BANDINI, C. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas*, 13(39), Belo Horizonte, 2015, pp. 1410-1426.

BANDINI, C. Relações de gênero na Assembleia de Deus: uma análise de trajetória feminina. *Ciências da Religião - História e Sociedade*, 13(2), São Paulo, 2015, pp. 109-133.

BIRMAN, P. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, Campinas, 1996, pp. 221-226.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 11(1), São Paulo, 2011, pp. 105-124.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTTELLI, F. G. K. Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas*, 6(12), Belo Horizonte, 2008, pp.127-143.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), Brasília, 2004, pp. 611-614.

CANDIOTTO, J.F. S. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. *Estudos de Religião*, 24(39), São Paulo, 2010, pp. 214-234.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto - enfermagem*, 15(4), Florianópolis, 2006, pp. 679-684.

CORDOVIL, D. Sexualidade, gênero e poder: uma análise da participação feminina em políticas públicas para afroreligiosos em Belém. *PLURA - Revista de Estudos de Religião*, 4(2), 2013, pp.149-163.

COSTA, P. G. A representação do feminino na mídia pentecostal: uma análise de discurso do quadro abrindo o coração. *Revista Relegens Thréskeia*, 3(1), 2014, pp. 55-79.

COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C. Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. In: Encontro Nacional da



Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 17, 2012, João Pessoa. *Anais eletrônicos...* João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012. pp. 222-240.

FONSECA, M. E. M. Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse? *Paralellus*, 2(4), Recife, 2013, pp. 213-226.

FRANCISCO, C. V. T. Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo. 2002. Dissertação de Mestrado, Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2002.

FREIRE, A. E. P. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. *Paralellus*, 6(13), Recife, 2016, pp. 377-390.

GONZÁLEZ GARCIA, M. M. E. Trajetórias e passagens na vida religiosa feminina. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 14(2), São Paulo, 2014, pp. 116-135.

GOUVÊA NETO, A. L. Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*, 18(2), Juiz de Fora, 2015, pp. 89-106.

JESUS, F. W. A cruz e o arco-Íris: refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma Igreja Inclusiva no Brasil. *Ciências Sociais e Religião*, 12(12), Porto Alegre, 2010, pp. 131-146.

LIMA, M. L. C.; MÉLLO, R. P. As vicissitudes da noção de gênero: por uma concepção estética e antiessencialista. *Gênero na Amazônia*, 01, Belém, 2012, pp. 181-206.

LIMA, R. L. Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões. *Revista em Pauta*, 9(28), Rio de Janeiro, 2011, pp. 165-182.

LOPES, M. Gênero e discurso religioso. *Revista Relegens Thréskeia*, 2(2), Curitiba, 2013, pp. 60-70.

LÓPEZ, M. M. Teología, espiritualidad y reivindicaciones de género: hacia la recuperación de la dimensión antropológica de la espiritualidad. *Estudios de Religião*, 27(1), São Paulo, 2013, pp. 68-86.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, 13(2), Florianópolis, 2005, pp. 387-396.

MACHADO, M. D. C. SOS mulher: a identidade feminina na mídia pentecostal. *Ciencias Sociales y Religión*, 1(1), Porto Alegre, 1999, pp. 167-188.

MACHADO, M. D. C.; FIGUEIREDO, F. M. Gênero, religião e política: as evangélicas nas disputas eleitorais da cidade do Rio de Janeiro. *Ciências Sociais e Religião*, 4(4), Porto Alegre, 2002, pp. 125-148.

MADUREIRA, V. S. F. Gênero e poder. *Revista Grifos*, 16, Chapecó, 2004, pp.13-25.



MAFRA, C. O percurso de vida que faz o gênero: reflexões antropológicas a partir de etnografias desenvolvidas com pentecostais no Brasil e em Moçambique. *Religião & Sociedade*, 32(2), Rio de Janeiro, 2012, pp. 124-148.

MARCOS, S. Religión y Género: contribuciones a su estudio en América Latina introducción al volumen religión y género. *Estudos de Religião*, 21(32), São Paulo, 2007, pp. 34-59.

MARIANO, R. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), Florianópolis, 2008.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes 2002.

MORAES, M. L. Q. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Crítica Marxista*, 1(11), São Paulo, 2000, pp. 89-98.

MUSSKOPF, A. S. Haverá gênero e religião? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia. *Revista Relegens Thréskeia*, 2(2), Curitiba, 2013, pp. 10-25.

NATIVIDADE, M. T. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. *Religião & Sociedade*, 37(1), Rio de Janeiro, 2017, pp. 15-33.

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. *Novos estudos – CEBRAP*, 75, São Paulo, 2006, pp. 111-127.

POSSAS, L. M. V. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si e escrita da história*. Rio de Janeiro, FGV, 2004, pp. 257-277.

PRANDI, R. Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo Social*, 20(2), São Paulo, 2008, pp. 155-172.

QUEIROZ, F. M. *Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher*. Mossoró, UERN, 2008.

REIMER, I. R.; SOUZA, C. B. As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, 2(1), Recife, 2012, pp. 207-2016.

ROESE, A. Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. *Horizonte*, 13(39), Belo Horizonte, 2015, pp. 1534-1558.

RUBIN, G. The Traffic in Women: Notes on the political economy of sex. In: REITER, R. *Towards an Anthropology of Women*. New York, Monthly Review Press, 1975, pp.157-210.



SANCHIS, P. Desencanto y formas contemporaneas de lo religioso. *Ciencias Sociales y Religión*, 3(3), Porto Alegre, 2001, pp. 27-43.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 20(2), Recife, 1995, pp. 71-99.

SOUSA, L. P. DE; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), São Paulo, 2016, pp. 123-139.

SOUZA, J. M. - Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos. *Media & Jornalismo*, 17(30), Centro de Investigação Media e Jornalismo, 2017.

SOUZA, S. D. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. *Horizonte*, 5(9), Belo Horizonte, 2006, pp. 21-29.

SOUZA, S. R. M. Experiências de mulher: técnicas de si no Pentecostalismo. *Paralellus*, 6(12), Recife, 2015, pp. 159-174.

TEIXEIRA, J. M. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood. *Religião & Sociedade*, 34(2), Rio de Janeiro, 2014, pp. 232-256.

VELOZO, M. F. S. A mulher fazendo teologia. *Paralellus*, 1(1), Recife, 2010, pp.115-132.

VINUTO, J. A Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 44(22), Campinas, 2014, pp. 203-220.

WEBER, M. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: WEBER, M. *Max Weber: textos selecionados*. São Paulo, Nova Cultural, 1997, pp. 155-190.

Recebido em: 12/12/2019
Aceito em: 11/05/2020